

# **A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOBRE O *SELF MADE MAN* ESTADUNIDENSE E DO MITO POLÍTICO DE MOYSÉS LUPION NO PARANÁ**

Ederson Fernando Milan dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo visa problematizar algumas questões referentes ao processo de consolidação de *mitos políticos*, discutindo sua relação com as *paixões políticas* e os *imaginários* que atuam na formação desses mitos. Dentro desta perspectiva, analiso a construção do imaginário sobre o *self made man* estadunidense e sua relação com o processo de constituição do mito político de Moysés Lupion, ex-governador do Paraná nos períodos de 1947 a 1951 e 1956 a 1961, a partir de uma obra publicada em 2006, intitulada *Moysés Lupion: Civilizador do Paraná*.

**Palavras-chave:** mito político; imaginário; Moysés Lupion; *self made man*.

## **THE CONSTRUCTION OF THE IMAGINARY OF THE AMERICAN *SELF-MADE MAN* AND THE POLITICAL MYTH OF MOYSÉS LUPION IN PARANÁ**

**Abstract:** This article aims to discuss some issues related to the consolidation process of political myths, discussing its relationship with political passions and the imaginary that works as former of these myths. From this perspective, it's analyzed the construction of the imaginary of the American self-made man and the relationship with the formation process of the political myth of Moysés Lupion, who governed Paraná in the periods of 1947-1951 and 1956-1961, based on a work published in 2006 entitled *Moysés Lupion: Civilizador do Paraná*.

**Keywords:** political myth; imaginary; Moysés Lupion; *self made man*.

### **Introdução**

Os mitos estão por todos os lugares. Exercem um papel importante na construção dos imaginários sociais, sendo seu estudo uma parte importante dentro das ciências humanas. Sua interpretação é tão vasta quanto sua imensidão de significados. Conforme afirmam Kalina Silva e Maciel Silva na

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: ederson\_santos2004@yahoo.com.br.

## A construção do imaginário sobre o *self made man* estadunidense e do mito político de Moysés Lupion no Paraná

| Ederson Fernando Milan dos Santos

obra *Dicionário dos Conceitos Históricos*<sup>2</sup>, o caráter universal do mito e sua importância para o pensamento dos homens “(...) é algo palpável no fato de que todas as sociedades elaboram mitos, quer sejam representações do inconsciente coletivo, das estruturas sociais, quer tenham função prática na sociedade”<sup>3</sup>. Assim, compartilho desta perspectiva ao analisar brevemente neste artigo algumas características que constituem o mito político e como podemos entender o processo de construção de uma mitologia política. Na primeira parte, abordo o conceito de *paixão política*, elemento que integra um imaginário político e se relaciona com o processo de formação de mitologias políticas, segundo tópico do artigo.

O *imaginário*, por sua vez, é composto por um conjunto de representações, constituído pelos mitos, pela religião e pelas ideologias. Os mitos surgem em sociedades primitivas quando da necessidade de explicação e orientação das condutas humanas, sendo substituído pela religião, que amplia a função do mito e, posteriormente, essa é substituída pelas ideologias políticas, que determinam os objetivos de uma sociedade e seus meios para alcançá-los.

Uma discussão centrada na estrutura das mitologias políticas retoma a ideia de sacralização dos mitos das sociedades antigas e a associa com os processos de heroicização e de formação de imagens míticas nas sociedades contemporâneas. Assim, dois casos são brevemente analisados sobre essa questão. Uma análise tem o foco no *self made man* estadunidense e busca discutir sua relação com a formação de uma imagem mítica de Moysés Lupion, ex-governador do Paraná. Essas são considerações breves, que não intentam esgotar a discussão.

---

<sup>2</sup> SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Mito. In.: *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2010.

<sup>3</sup> Idem, p. 295.

### 1) Paixões políticas como motivadores do mito

A discussão sobre paixão política é pouco explorada dentro da historiografia. As paixões e sentimentos são usualmente compreendidos como pertencentes mais ao campo da psicologia do que ao campo da história. Um dos autores a romper esse paradigma foi Lucien Febvre, em sua clássica obra *Combates pela História*<sup>4</sup>, em que afirma a contribuição da psicologia para o estudo da história, o que denomina de *psicologia histórica*.

Conceitualmente, o termo *paixão* suscita muitos questionamentos. O mais importante deles é a própria definição do conceito, que se não problematizado conforme o objeto de estudo, pode carregar dúvidas sobre seu uso.

No livro *Os Sentidos da Paixão*<sup>5</sup>, o conceito é definido por Gérard Lebrun como sinônimo de *tendência*, “(...) as paixões não são contentamentos ou desprazeres nem opiniões, mas tendências, ou antes, modificação da tendência, que vêm da opinião ou do sentimento, e que são acompanhadas de prazer ou desprazer”<sup>6</sup>. A discussão realizada por Lebrun para a definição do conceito de *paixão* aborda diversas perspectivas, desde Descartes, Aristóteles, Nietzsche e Hegel, retomando o sentido grego de *pathos*, paixão como passividade.

A paixão, segundo o autor, é movida pela reação, a partir da presença ou da imagem de alguma coisa que possa levar a essa reação, sendo esta geralmente de improviso. A paixão é “o sinal de que eu vivo na dependência permanente do outro”<sup>7</sup>. Afirma Lebrun que a *virtude* só pode ser compreendida e determinada pelo modo de reagir às paixões, pois as reações demonstram o caráter, sendo o comportamento emotivo o critério de julgamento dessas reações. Assim, há dependência do outro ao julgar a reação de meus comportamentos emotivos, pois de outra forma, não teriam

<sup>4</sup> FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

<sup>5</sup> LEBRUN, Gérard. *O Conceito de Paixão*. In.: CARDOSO, Sérgio (et all). *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>6</sup> Idem, p. 17.

<sup>7</sup> Idem, p. 18.

condições de estabelecer uma escala de valores éticos. Lebrun afirma que a paixão não é simplesmente um impulso, algo que mesmo causando desprazer, leva a praticar uma ação. A paixão seria o elemento “(...) que dá estilo a uma personalidade, uma unidade a todas as suas condutas”<sup>8</sup>.

Essa personalidade e essa unidade é parte do que Pierre Ansart denomina de *ideologia política* e faz parte de uma tríade de elementos constitutivos do imaginário social, discutidos no próximo tópico, sendo eles, o mito, a religião e a ideologia política. Para o autor, no livro *Ideologias, Conflitos e Poder*<sup>9</sup>, a função da ideologia política é definir os principais significados dos atos coletivos, assim como definir os modelos da sociedade legítima e sua organização. Também tem por objetivo indicar os detentores de autoridade, os fins da comunidade e os meios para alcança-los. É função da ideologia política atribuir sentido à ação e aos projetos e empreendimentos políticos, utilizando de uma linguagem que se distancia da linguagem religiosa, direta e quase brutal.

Segundo Ansart, a linguagem política é dirigida para um sujeito socializado, com o objetivo de tornar esse sujeito individual em um sujeito kantiano, que o torna portador da verdade transmitida e se faz responsável por sua defesa. O sujeito, dessa forma, se torna autônomo, sendo a linguagem dirigida a cada um individualmente e com o intuito de provocar a adesão sincera, identificação e culpabilidades. Com isso, Ansart afirma que não é possível suprimir o caráter apaixonado dos apelos políticos, mesmo que haja gradações nesse processo de passionalização. Assim, “toda a energia das paixões pode ser investida no conflito ideológico e comunicá-lhe a mais extrema violência”<sup>10</sup>.

Os *imaginários*, conforme conceitualização de Kalina Silva e Maciel Silva no já citado *Dicionário de Conceitos Históricos*, “significa o conjunto de imagens guardadas no inconsciente coletivo de uma sociedade ou de um

---

<sup>8</sup> Idem, p. 23.

<sup>9</sup> ANSART, Pierre. *Ideologias, Conflito e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

<sup>10</sup> Idem, p. 46.

grupo social; é o depósito de imagens de memória e imaginação”<sup>11</sup>. São as ideias de uma sociedade, sobre os mais diferentes aspectos da vida cotidiana, diretamente ligadas a forma de pensar e de interagir dentro de uma sociedade. Cada imaginário traz sua própria representação, às vezes mais de uma, sobre as imagens presentes na sociedade, “construídas na memória coletiva a partir da forma como as pessoas, em seus grupos sociais, entendem o cotidiano ao seu redor, ou seja, da noção de representação”<sup>12</sup>.

### 2) O que caracteriza um mito e como se constitui o mito político

Para compreender a constituição de um mito político é necessário analisar as características do que conceitualmente se identifica como *mito*. Segundo Mircea Eliade, em seu livro *Mito e Realidade*<sup>13</sup>, a palavra *mito* é empregada no sentido de ilusão ou ficção, porém não é a forma como o autor compreende o sentido de mito. A pesquisa que desenvolve tem como base as sociedades em que o mito é “vivo”, ou seja, em que “fornece os modelos para a conduta humana, conferindo por isso mesmo, significação e valor à existência”<sup>14</sup>, o que permite ao autor reconhecer as formas de conduta como fenômenos humanos, de cultura e não apenas como uma simples irrupção de instintos.

O autor reconhece que é difícil encontrar uma definição de mito que seja aceita por eruditos e acessível a não especialistas, ao mesmo tempo em que questiona se realmente é possível encontrar essa definição única. Para Eliade, “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”<sup>15</sup>. Dentro desta perspectiva, interessa a este artigo a abordagem do mito na sociedade contemporânea. Assim, ao discutir a questão da existência dos mitos no mundo moderno, Eliade afirma que

---

<sup>11</sup> SILVA, 2010, p. 213.

<sup>12</sup> Idem, p. 214.

<sup>13</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

<sup>14</sup> Idem, p. 8.

<sup>15</sup> Idem, p. 11.

## A construção do imaginário sobre o *self made man* estadunidense e do mito político de Moisés Lupion no Paraná

| Ederson Fernando Milan dos Santos

alguns aspectos e funções do mito são elementos constituintes do ser humano.

Para Pierre Ansart, no já citado livro *Ideologias, Conflitos e Poder*, o mito é parte de um imaginário social, um conjunto ordenado de representações, “um imaginário através do qual ela se reproduz e que designa em particular o grupo a ele próprio, distribui as identidades e os papéis, expressa as necessidades coletivas e os fins a alcançar”<sup>16</sup>. Nas sociedades sem escrita, o mito é parte da experiência cotidiana, que fornece explicação para o funcionamento do mundo em sua totalidade. De acordo com o autor, o mito é elemento constitutivo do sistema de representações, que por sua vez é estruturado de acordo com as práticas sociais. A própria lógica social empresta seus elementos do mito, pois as narrativas míticas designam a hierarquia social e orientam os modelos de autoridade a serem seguidos.

A religião é o segundo elemento constitutivo do imaginário social. Segundo Ansart, ela substitui o mito buscando fornecer explicações para a ordem no mundo e justificar a existência social. Assim como o mito, “dita as razões das separações sociais e explica a desigualdade dos grupos, legitimando o poder”<sup>17</sup>. Essa relação é dicotomizada quando o poder religioso se diferencia do poder político, passando a se sobrepôr e rivalizar. A sociedade não é mais organizada apenas através da religião ou das crenças religiosas, mas as identidades sociais são definidas a partir das linhagens, das cidades e posteriormente, das nações.

A ideologia política é o terceiro elemento que constitui o imaginário social, sendo a associação com os mitos e a religião, para Ansart, necessária para compreender “uma certa concepção da justa organização social”<sup>18</sup>. É impossível confundir a ideologia política com doutrinas e mediações religiosas, mas a análise destes elementos é um fator importante para se

---

<sup>16</sup> ANSART, 1879, p. 21-21.

<sup>17</sup> Idem, p. 32.

<sup>18</sup> Idem, p. 35.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

compreender as funções desempenhadas pela ideologia política que antes eram cumpridos pela religião e pelos mitos.

Dessa forma, é possível afirmar que a constituição de mitos políticos está intimamente ligada à ideia de retorno a um modelo primitivo de conduta, intrinsecamente conectado a própria mentalidade humana. O papel dos mitos políticos na sociedade moderna fornece um modelo de conduta que cumpre uma função social estabelecida.

Essa relação é discutida por Raoul Girardet em seu livro *Mitos e mitologias políticas*<sup>19</sup>. Nessa obra, o autor explora o imaginário político a partir de um debate com a História das Ideias.

O mito político, para Girardet, é composto por três dimensões, as quais estruturam e afirmam a mitologia política.

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas narrativa lendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa um lugar muito importante nas origens das cruzadas e também das revoluções.<sup>20</sup>

Essa construção do mito político, segundo o autor, não encontra grandes diferenças em comparação com os mitos sagrados das sociedades tradicionais. Um elemento de associação entre o mito político e o mito religioso é o polimorfismo, pois ambos oferecem múltiplas ressonâncias e numerosas explicações. E nem sempre explicações complementares, mas também opostas, caracterizando uma ambivalência desses mitos.

Além dessa oposição e ambivalência do mito, existe o que Girardet chama de lógica do discurso político, a ambivalência do mito “reencontra o equivalente de uma coerência nas regras de que parece depender o

---

<sup>19</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 13.

desenrolar de sua caminhada”<sup>21</sup>. Essa coerência é conseguida através de imagens e símbolos em sucessão, que obedece a uma sucessão ordenada em que se apresentem elementos de construção de uma narrativa. E essa narrativa é imutável em seu conjunto e na transcrição e transmissão de sua mensagem.

Girardet analisa o que Gilbert Durand denomina de “constelações mitológicas”, que são os “conjuntos de construções míticas sob o domínio de um mesmo tema, reunidas em torno de um núcleo central”<sup>22</sup>. Girardet aponta para quatro dessas constelações mitológicas, a Conspiração, a Idade de Ouro, o Salvador e a Unidade. Para o presente estudo, o foco é a análise da constelação mítica do Salvador.

O Salvador é discutido por Girardet com base na imagem pública do Sr. Pinay, construída a partir de suas biografias. Segundo o autor, essa construção se refere a uma imagem, uma representação feita a partir dessa imagem e de sua imposição à opinião pública. É uma narrativa para ser lida e interpretada.

A constelação mítica do Salvador é ampla, muitas vezes mal definida, confundindo-se com a figura mítica do Herói. Os principais aspectos de seu estudo se focam na sua estrutura, modalidades de sua coerência e sua gênese. Assim, segundo Girardet, a questão gira em torno de perceber a transição do histórico para o mítico, processo de heroicização, “(...) que resulta na transmutação do real e em sua absorção no imaginário”<sup>23</sup>.

### **3) A construção da imagem mítica do *self made man* e sua relação com o mito político de Moisés Lupion no Paraná**

Para a discussão da construção da imagem mítica do *self made man*, abordo algumas análises sobre o contexto que esse personagem surgiu e

---

<sup>21</sup> Idem, p. 17.

<sup>22</sup> Idem, p. 19-20.

<sup>23</sup> Idem, p. 71.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

ganhou campo, durante o processo de expansão da fronteira dos Estados Unidos, em meados do século XIX.

No contexto estadunidense, este se refere à construção de uma “imagem fundadora”, a qual certos personagens – no caso o *self made man* – são heroicizados e utilizados como fonte de inspiração para diversas expressões artísticas, como por exemplo, obras literárias, canções e pinturas.

Esse termo surgiu dentro do contexto de *Marcha para o Oeste*, ocorrida nos Estados Unidos em meados do século XIX. A penetração nas áreas de *wilderness*<sup>24</sup> nos Estados Unidos leva o pioneiro a não apenas ter que desbravar a mata, mas enfrentar a resistência das sociedades indígenas nas regiões de fronteira. Assim, a cultura estadunidense afirma a figura do herói lendário, que nesse caso está personificado no mito do *self made man*, o homem que se faz por si, o pioneiro desbravador imortalizado na literatura, cinema e quadrinhos.

Ray Billington Allen, no livro *Westward Expansion*<sup>25</sup>, inicia o primeiro capítulo discutindo o imaginário do termo “fronteira” presente em livros e filmes, envolto em uma atmosfera criada com imagens de indígenas e suas pinturas corporais, mulheres com vestidos de cores berrantes sanfonados, cowboys bons de tiro e pérfidos vilões. A fronteira, nesse imaginário, é um local romanceado, mas também é reconhecido, segundo o autor, como um dos principais elementos forjadores da distinta civilização dos Estados Unidos.

Billington interpreta o desenvolvimento dos Estados Unidos e de seus traços característicos, atribuindo a existência da fronteira como um dos mais importantes fatores para a formação de uma cultura tipicamente

---

<sup>24</sup> O conceito de *wilderness* está ligado à ideia do selvagem, da natureza intocada, espaço não civilizado. É esse estado de “selvageria” em que se encontra o Oeste estadunidense em meados do século XIX, para onde parte o *self made man*, o pioneiro, estabelecendo sua moradia nestas terras, em busca de oportunidades. E esse Oeste está limitado pela expansão desse pioneiro em suas terras selvagens, levando a civilização junto com ele e permitindo que a fronteira avance em direção ao Oeste.

<sup>25</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *Westward Expansion: A History of the American Frontier*. New York: The Macmillan Company; London: Collier-Macmillan Limited, 1967.

estadunidense. A fronteira, para o estadunidense, evoca uma visão de oportunidades. Conforme Billington aponta, os primeiros colonos encontraram na fronteira um meio físico que fomentava tais ambições, pois ali a terra era mais barata e a mão-de-obra mais cara do que nas comunidades estabelecidas. A ascensão social estava ao alcance de todos e a fronteira permitiu uma melhoria individual de vida.

O livro *Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira*<sup>26</sup>, de autoria de Mary Junqueira, discute algumas questões relacionadas ao tema do artigo. Apesar de ser uma obra interessante e instigante em seu todo, pretendo abordar apenas parte do Capítulo II, intitulado *Oeste, wilderness e fronteira no imaginário norte-americano*. Em determinado momento do capítulo, após uma elaborada discussão sobre o conceito de *wilderness*, a autora aborda a questão do mito da fronteira, afirmando que “as palavras *wilderness*, Oeste e fronteira possuem sentidos sobrepostos, imbricados. Nos Estados Unidos, quando se fala em *wilderness*, lembra-se do Oeste, e este faz lembrar os tempos da fronteira”<sup>27</sup>. Assim, Mary Junqueira direciona a discussão de forma a compreender o que os termos Oeste e fronteira representam para os estadunidenses.

Segundo a autora, a região de *wilderness* e o processo de expansão da fronteira foram elementos importantes para concretizar a ideia do excepcionalismo norte-americano, construídos sobre a ideia do movimento e a colonização do Oeste. Assim, afirma que a fronteira distinguia a civilização da *wilderness*. Os primeiros colonos estabelecidos nas áreas de fronteira foram os “pioneiros” no processo de formulação de uma identidade nacional, imortalizados no cinema, livros, quadrinhos, revistas, definindo o gênero conhecido como western.

---

<sup>26</sup> JUNQUEIRA, Mary. *Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

<sup>27</sup> Idem, p. 68.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

Somada a essa questão, em outro livro escrito pela autora, *Estados Unidos: a consolidação da nação*<sup>28</sup>, encontramos a ideia do *Destino Manifesto*. Essa ideia expressava os sentimentos expansionistas estadunidenses durante o século XIX e era uma “concepção nacionalista que se apoiava na ideia de Direito Natural, concedido pela divina providência àquele país, de tomar para si toda a parte continental da América do Norte”<sup>29</sup>. Assim, partiu-se de um pressuposto baseado na ideia de predestinação, esta, oriunda das crenças dos primeiros colonos europeus conhecidos como *pais peregrinos* que acreditavam que eram o povo escolhido por Deus para criar uma nova sociedade perante o “pacto” entre Deus e os colonos puritanos.

A partir dessa premissa da predestinação, os pioneiros assumiam para si o direito de apropriação das terras a Oeste e além da linha de fronteira, acreditando no fato de serem “detentores de uma cultura com valores superiores em relação aos de outros povos”<sup>30</sup>. Essa questão do direito expansionista norte-americano está em sintonia com a ideia de democracia desenvolvida por esses pioneiros, que por sua vez estariam levando esses princípios democráticos aos povos “menos desenvolvidos”, ou até mesmo “culturalmente inferiores”. Essa ideia de democracia ganhou força após o processo de independência das Treze Colônias, sendo os valores democráticos norte-americanos “construídos com base nas ideias liberais europeias, procurando manter a liberdade da livre iniciativa contra o controle da coroa inglesa”<sup>31</sup>.

Mary Junqueira descreve que a relação inicial dos peregrinos com as sociedades indígenas era pacífica, sendo que determinadas práticas de plantio e cultivo foram aprendidas pelos colonos, procedimento que os salvou da inanição. A partir do momento que esses peregrinos conseguiram se estabelecer no território, além da chegada de novos imigrantes, “procuraram civilizar o *wilderness*, anexando as terras em que viviam os

---

<sup>28</sup> JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: A Consolidação da Nação*. São Paulo: Contexto, 2001.

<sup>29</sup> *Idem*, p. 50.

<sup>30</sup> *Idem*, p. 51.

<sup>31</sup> *Idem*, p. 77.

índios”<sup>32</sup>. De acordo com o relato dos puritanos da época, a anexação era justificada, pois as sociedades indígenas não trabalhavam ou construíam moradias com o intuito de melhorar a terra, tendo apenas o direito natural sobre ela. Acreditavam, também, terem o direito de decidir sobre o rumo dessas sociedades, o que tornava a convivência pacífica uma impossibilidade. A *wilderness* passava a ser vista como o oposto da civilização, sendo necessária a sua dominação e consequente imposição de valores culturais e ideológicos.

Dessa forma, fica claro que as ações tomadas durante a *Marcha para o Oeste* nem sempre assumiam a tão difundida forma heroica, atribuída aos “mocinhos” do western. Porém o mito construído sobre a conquista é utilizado para justificar as práticas de devastação dos territórios e aniquilamento das comunidades indígenas. A fronteira, durante esse período, era o “posto mais avançado da civilização do *wilderness*, onde se dava a ação do homem branco transformando, civilizando o meio ambiente, área de desenvolvimento acelerado”<sup>33</sup>. De acordo com a autora, a construção desse mito permitia que o pioneiro agisse com legitimidade em um ambiente onde as regras eram feitas conforme sua necessidade. Assim, certas formas de ação que não seriam aceitáveis nas regiões civilizadas do Leste, passam a ser legítimas no Oeste, mesmo se violentas ou ilegais.

O *self made man*, nas palavras de Mary Junqueira, representa o pioneiro como sendo um

(...) herói rústico, que havia desenvolvido força física no duro trabalho do campo. Com isso, garantia tenacidade de caráter e ação determinadas – atributos que formavam o “homem de ação” que construía a nação norte-americana. Essa versão mítica do homem do Oeste justificava a tomada dos territórios e escamoteava a extrema violência com que foi realizada a anexação e, por outro lado, impulsionava para que pessoas originárias do Leste se estabelecessem nas terras conquistadas.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Idem, p. 77.

<sup>33</sup> Idem, p. 70.

<sup>34</sup> Idem, p. 56.

Uma das principais figuras públicas que representam a imagem do *self made man* nos Estados Unidos é Andrew Jackson, ex-presidente, que governou o país de 1829 a 1837. Andrew Jackson foi o homem que personificou os ideais democráticos e a vontade das classes trabalhadoras em participar da política e do governo. Durante sua vida, Andrew Jackson desenvolveu um forte sentimento contrário às instituições e ideias predominantes no Leste. Suas principais crenças podem ser colocadas em poucas palavras e representam os anseios dos colonos do Oeste, tornando-o, de certa forma, seu porta-voz. Afirma-se que Andrew Jackson acreditava no homem comum e na igualdade política, assim como iguais oportunidades econômicas. Era adverso ao monopólio, aos privilégios especiais e meandros das finanças capitalistas, ou seja, as características que representavam o *self made man*. Conforme aponta Mary Junqueira, “a política adotada por Jackson foi dirigida em benefício do pequeno proprietário, estimulando a mobilidade social e o espírito individualista. Era o tempo de valorização do *self made man*, imagem tão celebrada nos Estados Unidos desde então”<sup>35</sup>.

Após a discussão sobre o *self made man* estadunidense, irei observar alguns elementos do caso específico de constituição do mito político de Moysés Lupion no Paraná. A análise é realizada sobre uma obra publicada em 2006, em dois volumes, pela Imprensa Oficial do Paraná intitulado *Moysés Lupion: Civilizador do Paraná*<sup>36</sup>. Este livro, de autoria de Hor-Meyll T. Leite Junior e Marcel Luiz Escobedo, é uma obra que visa registrar a vida política de Moysés Lupion, governador do Paraná em dois momentos, de 1947 a 1951 e 1956 a 1961. Como contraponto, em alguns momentos irei me referir ao segundo capítulo do livro *A Construção do Paraná Moderno*:

---

<sup>35</sup> Idem, p. 46.

<sup>36</sup> LEITE JÚNIOR, Hor-Meyll Teixeira; ESCOBEDO, Marcel Luiz. *Moysés Lupion: Civilizador do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

A construção do imaginário sobre o *self made man* estadunidense e do mito político de Moysés Lupion no Paraná  
| Ederson Fernando Milan dos Santos

*Políticos e Política no Governo do Paraná de 1930 a 1980*<sup>37</sup>, de autoria de Jefferson de Oliveira Salles.

Primeiramente, observa-se que se trata de uma obra com forte cunho político e ideológico, pois a partir da leitura das primeiras páginas do livro, se torna possível afirmar que a obra assume um tom apologético, quando da comparação entre Moysés Lupion com Cristo. Essa comparação se encontra no Prefácio da obra, escrita por Rafael Greca de Macedo, ex-prefeito de Curitiba.

A Introdução da obra busca destacar o papel de Moysés Lupion como modernizador do Paraná, com investimentos em obras de infraestrutura, serviços públicos e construção de rodovias. Não obstante, adiciona um trecho do discurso de Moysés Lupion no Senado Federal em 1954, enaltecendo as virtudes do processo de industrialização e sua vocação como empresário do ramo.

A construção de uma imagem mítica é reforçada pelo título do primeiro capítulo do livro, *Self-Made Man*, expressão anteriormente discutida. No livro *Civilizador do Paraná*, o uso dessa expressão busca uma comparação de Moysés Lupion com a imagem do *self made man* estadunidense, esse pioneiro que avança sobre a terra selvagem e a conquista com seu trabalho e esforço, levando o progresso para onde só existe selvageria, pois, segundo o título do livro, Moysés Lupion seria um dos, senão “O” Civilizador do Paraná.

Essa comparação é potencializada a partir da afirmação da origem de Moysés Lupion, filho de família humilde, que segundo Leite Júnior e Escobedo, concretizou e obteve sucesso em seus empreendimentos a partir do próprio trabalho.

Com uma trajetória empresarial característica de um *self-made man*, conquistou prestígio e riqueza em pouco mais de 10 anos de trabalho, ascendendo com esforço próprio da

---

<sup>37</sup> OLIVEIRA, Ricardo Costa de; SALLES, Jefferson de Oliveira; KUNHAVALIK, José Pedro. A Construção do Paraná Moderno: Políticos e Política no Governo do Paraná de 1930 a 1980. Curitiba: SETI, 2004.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

posição de mero vendedor de amendoim na estação ferroviária de Jaguariaíva a de maior empresário paranaense dos anos 40.<sup>38</sup>

A construção factual da trajetória empresarial de Moysés Lupion, realizada pelos autores e resumidamente abordada a seguir, começou com seu irmão, José Lupion, que abandonou a carreira de caixeiro viajante para montar um escritório de representações que funcionava para a empresa inglesa Bakffour, em Curitiba. A partir dos fornecimentos de materiais, formou um capital e trouxe seus irmãos Pedro e Moysés para a capital do Estado.

Em 1924, Moysés Lupion muda-se para São Paulo e trabalha na firma A. E. Carvalho, que atuava no ramo de serrarias e exportação de madeira. Nessa firma, assumiu o posto de gerência. Em 1929, a firma passa a atuar no ramo financeiro, sendo que Moysés Lupion é convidado a ser sócio da empresa com o cargo de direção. A empresa é vendida e Moysés retorna ao Paraná e funda uma empresa em sociedade com Luiz Possato no ramo madeireiro.

Em 1936, os irmãos Pedro e José entraram como sócios. Os investimentos privados na empresa impulsionaram o que os autores denominam de “ciclo da madeira” do norte pioneiro<sup>39</sup>. Em 1938, 1941 e 1945, respectivamente, a empresa muda de sócios e sua nomenclatura, passando a se chamar M. Lupion & Cia, em 1945, tendo como sócios Moysés, Pedro e David. Assim, afirmam os autores que:

A M. Lupion & Cia foi a figura de proa da rápida transformação sócio-econômica paranaense conduzida por empresários, agricultores e profissionais liberais que ocuparam sertões, explorando recursos naturais em função da abertura de fronteiras agrícolas e industriais.<sup>40</sup>

De acordo com os autores, devido a expansão das atividades da empresa, foram resolvidos os problemas básicos de infraestrutura e

---

<sup>38</sup> Idem, p. 19.

<sup>39</sup> Idem, p. 20.

<sup>40</sup> Idem, p. 21.

## A construção do imaginário sobre o *self made man* estadunidense e do mito político de Moysés Lupion no Paraná

| Ederson Fernando Milan dos Santos

definidas as fronteiras do interior paranaense. Atribuem à empresa a colonização do sudoeste e a Moysés Lupion a organização do Paraná moderno, devido aos investimentos em setores fabril, siderurgia, transportes, colonização, agricultura e pecuária, mineração e navegação. Assim, os autores afirmam:

Ao abrir serrarias, construir linhas ferroviárias, campos de pouso, abrir estradas ou financiar parte da construção de estradas oficiais, Moysés Lupion tornou-se um *bandeirante* que consolidou territórios; seus investimentos despertaram no imenso sertão obras pioneiras que ajudaram na formação de novos centros urbanos.<sup>41</sup>

Nesse capítulo, os autores realçam um parágrafo, que não é possível de identificar se é uma citação ou apenas um grifo, pois não há notas indicando um ou outro. Porém, reproduzo por ser um elemento que representa uma das questões centrais do artigo, a análise da constituição do mito político de Moysés Lupion.

Moysés Lupion foi o primeiro “*business-man*” e “*self-made man*” do Paraná. Com menos de quarenta anos de idade, construíra um império industrial com ramificações por todo o país, graças a seu tino de investir em energia, transportes e siderurgia atendendo demandas de um Estado ainda em formação. Em 1946, ao candidatar-se ao governo estadual, Lupion era o homem mais rico do Estado.<sup>42</sup>

No contraponto, Jefferson Salles afirma que mesmo que ocorra o enaltecimento da figura de Lupion ou até mesmo de seus irmãos como *self made man* ou *bandeirantes*, estes são:

(...) elementos de uma dada especificidade histórica na qual uma configuração social possibilitou a uma fração de classe ascender ao poder utilizando-se ativamente de recursos técnicos e financeiros até então inéditos (ao menos em relação ao setor ervateiro anteriormente dominante que nunca teve acesso aos mesmos recursos financeiros possibilitados pela *era do ouro*), tecnológicos (por exemplo, de transportes e aumento de trabalhadores qualificados) e expansão de mercado consumidor (diferentemente do mate,

---

<sup>41</sup> Idem, p. 21-22.

<sup>42</sup> Idem, p. 23.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

que aliás enfrentou já no início do século séria e catastrófica concorrência em seu maior mercado consumidor) o pinho (principalmente a industrializada e transformada em papel) possuía, ao menos no Brasil, poucos (e, muito provavelmente, nenhum) concorrentes a altura durante o período estudado.<sup>43</sup>

Esse contraponto demonstra, de maneira prática, o que Girardet afirma, que “o mito político jamais deixa, nós o sabemos, de enraizar-se em uma certa forma de realidade histórica”<sup>44</sup>. Assim, os traços característicos do mito e do processo de heroificação se adequam conforme a personalidade do personagem e as necessidades de uma sociedade em determinado momento. O mito, segundo Girardet, aparece dessa maneira como revelador ideológico de um sistema de valores ou tipo de mentalidade.

### Considerações finais

As paixões e os mitos políticos são elementos constitutivos do imaginário social, que por sua vez é utilizado por intelectuais dedicados a perpetrar uma imagem ou discurso político com o intuito biográfico e/ou enaltecedor de uma figura pública.

Esse foi o caso da construção da imagem do mito do Oeste e do *self made man* estadunidense em meados do século XIX, ligado a uma ideia de civilização e progresso, que tomou corpo na bibliografia após o surgimento dos primeiros estudos sobre a fronteira, no final do século XIX. Assim, esse mito mobiliza a sociedade e fascina os cidadãos, sendo que oferece “(...) modelos de conduta à sociedade norte-americana, em especial aos pioneiros que pretendiam lá se estabelecer”<sup>45</sup>.

Podemos afirmar, grosso modo, que a construção do mito político de Moysés Lupion segue objetivos similares à construção das mitologias políticas estadunidenses, tanto dos *Founding Fathers* quanto da conquista do

<sup>43</sup> OLIVEIRA et al, 2000, p. 35.

<sup>44</sup> GIRARDET, 1987, p. 81.

<sup>45</sup> JUNQUEIRA, 2001, p. 60.

## A construção do imaginário sobre o *self made man* estadunidense e do mito político de Moisés Lupion no Paraná

| Ederson Fernando Milan dos Santos

*wilderness*. Conforme afirma Mary Junqueira, o mito dos pais fundadores serve a determinados propósitos, ajuda a consolidar um projeto dominante, assim como auxilia na criação de um sentimento de unidade nacional e minimizar os conflitos existentes na sociedade.

Estes são elementos que auxiliam a compreender o imaginário político da sociedade, assim como a estrutura social e a função que cumpre dentro dos processos de construção de mentalidades. Dessa forma, existe uma visão de mundo construída a partir da invenção de uma mitologia política, centrada na ideia do *self made man*, possuidor de um sentido político bastante específico, sendo histórica, social e politicamente incorporadas como história oficial e serve de base para justificar diferentes tipos de processos sociais ocorridos enquanto projetos políticos de Estado.

Assim, “o imaginário e os mitos que o compõem devem ser entendidos como bens simbólicos de determinada sociedade e podem ser usados tanto pela dominação como pela resistência”<sup>46</sup>.

Recebido em 13.12.2015  
Aprovado em 12.01.2016

---

<sup>46</sup> JUNQUEIRA, 2000, p. 73.